



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
*Praça dos Restauradores, 43 a 49*  
LISBOA

# Mootcy

**Só não tem Cabello  
nem Barba  
quem quer!!**

Fazemos nascer Cabello aos calvos e Barba aos sem ella, em 20 a 24 dias

O genuino **Mootcy** é o unico preparo para a barba e o cabelo, que se produz segundo as ultimas experiencias da sciencia, e é provado que o genuino **Mootcy** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabelo e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

O preço para o **MOOTCY** é de **2\$515 réis por porção** (uma porção chega perfeitamente).



Mootcy depôt: HOLMENS KANAL, 28-Kopenhagen, 164

Deposito em Lisboa :

**FERREIRA & FERREIRA, Succes.—99, Rua da Prata, 101**

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.  
o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—  
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—  
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—  
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-  
mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia  
e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —  
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).  
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.  
PARIS.—334, Rue St. Honoré.  
LONDON W.—10, Wigmore Street.

Louis  
RHEAD

# Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,  
Peters, Breitkopf, Litolff, Stein-  
gräber, etc.

Partituras  
de Operas  
antigas e modernas  
para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

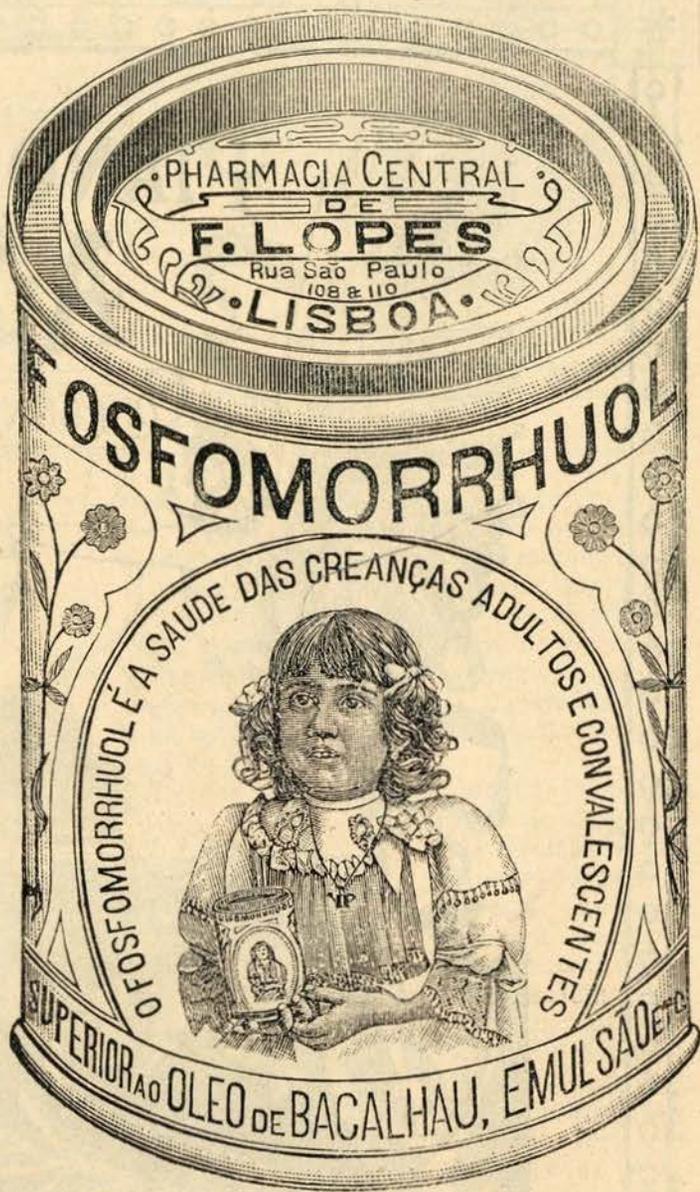
500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade



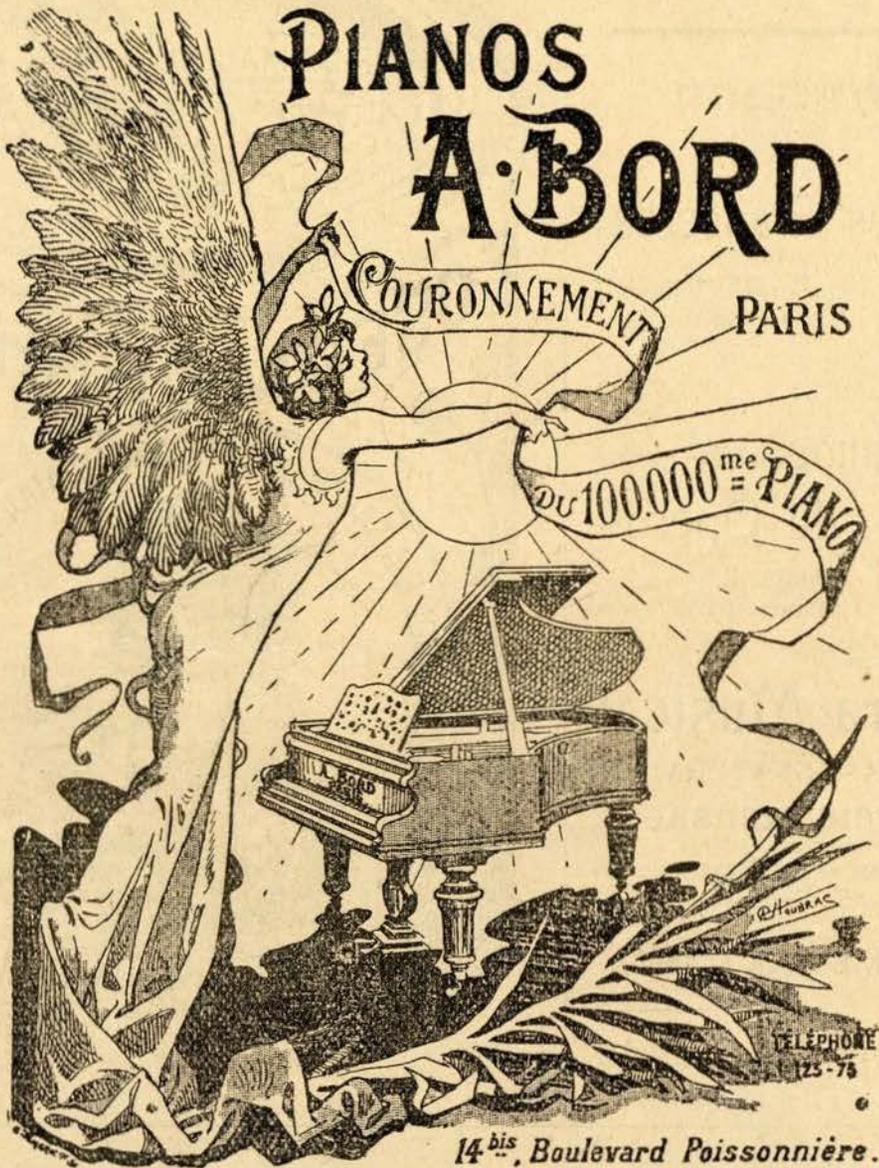
# LAMBERTINI

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos

CELEBRES  
PIANOS

# BECHSTEIN

Praça dos Restauradores



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000  
Produção até hoje ..... 119:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Jacob Jordaens. — Curiosidades musicas. — O Concurso — O S. João em Braga. — Concertos. — Notícias. — Necrologia.

## Jacob Jordaens

(1593-1678)

### Concerto depois do banquete

O espirito da kermesse, a alma popular flamenga, a nota copiosa d'uma observação profundamente realista associam-se na obra de Jordaens á influencia indiscutível de Rubens, transformada n'uma acomodação característica ao temperamento d'um artista, mais votado á vulgaridade prosaica da vida do que inspirado, como o seu aristocratico contemporaneo, pelos requintes da sociedade mundana. Um bom flamengo, saciado, alegre, feliz, celebrando n'uma orgia bachica o prazer da vida despreocupada, suggere a Jordaens motivos de criação artistica com tão dominadora intensidade como a que conduz o pintor dramatico do «Descimento», o chionista da cõrte de França, perante a tragedia cristã, ou defrontando os esplendores da realeza de Henrique IV e Catharina de Medicis.

Não ha em Jordaens a complexidade de faculdades, que marcam a um artista logar primordial na historia da arte. Não é um domi-

nador, que se subtrahе ás correntes do meio para, n'um impulso gerador de novas formulas, abrir caminhos desconhecidos. É um observador instinctivo, que traça, com o espirito repassado das alegrias da vida, quadros caracteristicos da Sociedade puramente flamenga; na mais completa despreocupação litteraria substituida por uma intuição servida por qualidades notaveis de pintor.

Depois de Van Eick, que fôra o creador inspirado da grande arte religiosa nas Flandres, depois de Rubens, universalista em composições sacras, no estudo da figura humana, na interpretação da paisagem, apoz a obra de Van Eick, subordinada ás influencias do mestre e da sociedade aristocratica, em que pode comprazer se a sua natureza de grande senhor, Jordaens com-



pleta o cyclo da arte representativa da raça flamenga, dando aos motivos populares uma supremacia, que encontra paralelo na orientação d'alguns entre os maiores artistas holandezes do seculo XVII.

Tendo abordado a pintura de assumptos mythologicos e religiosos, pintando a *Ceia* do museu d'Anvers — excepcional conciliação do seu realismo com uma forte emoção poetica — o artista revela-se sempre com o criterio *d'humanidade*, que põe na sua obra original uma nota sensivel de iniludiveis in-

clinações. E é por essa feição que elle entra na dynastia que teve por representantes Hals na Hollanda, Velasquez em Hespanha, o Tiziano em Italia, e mais tarde Courbet e Manet, os francezes que reataram no nosso tempo a corrente tradicionalista da arte baseada na impressão directa da natureza.

Assim Jordaens é um precursor. A exuberancia das suas fortes figuras, se transige ainda na delicadeza das formas femininas, retoma logo os seus direitos no temperamento do artista, que não é por casual nem fugaz capricho que vae creando essas alentadas formas.

Ellas são a expressão do seu criterio da natureza e da vida, a exteriorisação exaggerada da sua devoção pela criação prodiga.

A *Fecundidade*, do museu de Bruxellas, é exemplo frisante da intima união do artista com a natureza e da sua instinctiva comprehensão de leis naturaes e soberanas.

Na actualidade Jordaens pintaria como Courbet ou Manet, n'uma das formas externas do realismo ou do impressionismo. No seu tempo, precedido da tradição dos seculos XV e XVI, dominado pelo genio que exercia uma soberania incontestada no dominio das artes, com a suggestão do meio e com o exemplo da riqueza decorativa da obra de Rubens, o artista encontrou na sua maneira pessoal a traducção do realismo que para elle era irresistivel. Por isso a esthetica de Jordaens e da sua obra tem de procurar-se na interpretação das pessoas e das cousas vistas na sua expressão mais sensivel, *atravez do temperamento do artista*.

O cantor da vida jubilosa, ardente, expansiva, triumphante, se poderia chamar Jordaens, invocando toda a alegria communicativa da alma popular em festa, na despreocupada kermesse, em que pairam os ingenhos, sensuaes e quasi libertinos instinctos d'um povo, que adora na mulher a criação maxima da natureza.

Celebrando em 1905 o anniversario da sua independencia, e incluindo no programma das festas nacionaes a exposiçãõ da obra de Jacob Jordaens, a Belgica não pagou apenas o tributo que lhe era devido depois de identica homenagem a Rubens e Van Eick. Foi um acaso feliz que reservou ao artista a consagração n'uma festa profundamente nacional durante os breves dias em que vibrou com rara intensidade a alma da patria que elle tanto amou.

GUIDO.

## Curiosidades musicas

I

### O cantor Angelelli

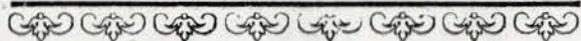
Muitas vezes, da lura d'onde não se espera é que sae coelho. Quem nos diria que n'um maço de papeis burocraticos relativos ao Real Jardim Botânico d'Ajuda se havia de encontrar um documento que nos subministrasse um episodio da vida de Francisco Maria Angelelli, o celebre castrado, cuja voz, assim nas festas sagradas como nas profanas, no cõro das igrejas e no palco dos theatros, tanto entusiasmo causou nos mais exigentes apreciadores do seu tempo?

Deixemo-nos, porém, de divagações e de surpresas e vamos ao caso, que, sendo aliás singelo, se póde narrar em poucas linhas. Angelelli não figura aqui como jardineiro ou amator de plantas, embora cultivasse as flores da musica, mas simplesmente como proprietario. Andava elle construindo um predio na calçada d'Ajuda, fronteiro ao jardim Botânico, que por este motivo ficava sendo devassado, o que era contrario á pratica até então seguida. Ou por excesso de zelo no serviço real ou por outro qualquer motivo, um encarregado ou inspector do Jardim, Antonio Pedro Lara de Carvalho, talvez parente de João Lara de Carvalho, de quem se faz menção no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, officiou ao conde de Basto, participando-lhe o caso, a fim de se adoptarem as providencias que se julgassem mais idoneas.

Não sei qual fosse o resultado; o que sei é que Angelelli residiu em propriedade sua na calçada d'Ajuda, casa que tem hoje o numero 152, segundo se lê no interessante artigo que lhe consagra o sr. Ernesto Vieira no seu *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes*.

O officio, de 29 de Junho de 1829, é do teor seguinte:

Ill<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Levo ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que o Musico Francisco Maria Angelelli tem mandado levantar hu na Propriedade de Casas na Calçada d'Ajuda de frente do Real Jardim Botânico a ponto de muito devassar o mesmo jardim: semelhantes obras athé hoje se não tem consentido sem expressa licença de Sua Mag., e assim mesmo de maneira que nunca se edifiquem janellas, das quaes se possa vêr o Real Jardim.



O Real Jardim Botânico tem sido ultimamente vedado por Ordens Regias, de maneira que não está patente nas 5.<sup>as</sup> feiras, dias em que a entrada era franca, e á vista do exposto, e da pratica geralmente seguida não será justo que o recreio de Suas Mag. e mais Pessoas Reaes seja devassado por huma caza particular. V. Ex.<sup>a</sup> porém se servirá dar as providencias, que a Alta Sabedoria de V. Ex.<sup>a</sup> julgar acertadas. — Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Real Musêo e Jardim Botânico do Paço d' Ajuda 29 de junho de 1829. — *Antonio Pedro Lara de Carvalho*. Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Basto. <sup>1</sup>

## II

## Um fabricante de cordas de viola no seculo XVI

Roberto Romano, segundo o seu apellido o está indicando, era natural da cidade ou do estado de Roma. Residia em Lisboa, no terceiro quartel do seculo XVI, junto ao postigo de São Roque. Era homem de idade e occupava-se em fazer cordas de viola.

Aos vinte de maio de 1562 foi denunciado á mesa do Santo Officio Gaspar Fernandes, repartidor dos orphãos na mesma cidade. Qual o motivo da accusação? O ter proferido algumas palavras em contrario ás doutrinas da Santa Igreja, dizendo que os santos e a cruz não deviam ser adorados, porque eram de pau, e que essa reverencia só se devia a deus, que está nos céus.

Estas heresias foram pronunciadas, tres semanas antes, no côro da egreja de S. Nicolau, estando presente tambem a esta pratica Domingos Fernandes, pintor.

Roberto Romano foi chamado á inquisição, a qual se limitou a admoestá-lo, não procedendo contra elle por o considerar bom christão.

Eu estou convencido que a maior parte das denuncias procediam do odio e da vingança; outras, porém, eram simplesmente resultado do fanatismo, motivadas pelo excesso do zelo religioso, pela necessidade de aliviar a consciencia e até pelo interesse e vantagem dos denunciantes se sangrarem em saude, mostrando quanto eram orthodoxos, afim de prevenirem desconfianças, e de evitarem perseguições ulteriores.

Gaspar Fernandes fôra denunciar Roberto Romano, por escrupulos de consciencia, aconselhado e instigado pelo doutor Manuel Bacys, a quem consultára como pessoa grata á Inquisição, cuja casa frequentava.

Eis o seu depoimento :

Aos vinte dias do mes de may de j b.<sup>a</sup> l x ij Annos em Lisboa na casa do despacho da Santa Inquisição estando hy os Senhores Imquisidores perante elles pareceo Gaspar Fernandez Repartidor dos orfãos em esta cydade e lhe derão juramento dos Santos Avangelhos em que pos sua mão e prometeo dizer verdade e dise que avera tres semanas pouco mays ou menos que estamdo elle hum domingo pella minham na Igreja de Sam Nicolao no coro della ao tempo que deziã a missa estando tambem ahy hum Domingos Fernandez, pintor vyeram ambos aleuantar praça com hum Roberto Romano estrangeyro homem ja velho que hi estaua o qual viue jumto do postigo de Sam Roque e fas Cordas de Vyola e vieram a praticar em christãos nouos que premdiam e em outras cousas asy e o dito Roberto Romano dise aleuamtamdo a mão heylos amdã adoramdo hum pao e elle denuncyante dise que não adoraua hum pao senão que adoraua a semelhança de noso Senhor Jhesu Christo e de nosa Senhora e elle Roberto dise não Deos esta nos Ceos a elle aveys de adorar e nam a hum pao dos que qua está em baixo dizendo mays que dia de sesta feira demdoenças hiam aly adorar a Cruz que estaua lançada sobre hua almofada que nom auiam de adorar aquilo senam a Deos que estaua nos Ceos e que ja disera a hum homem que nam fosse beijar aquilo senam a Deos que estaua nos Ceos que este avyamos de honrar e venerar e não outra cousa e que elle denuncyante lhe dise nom digaes yso porque he cousa da Santa Imquisyçam e elle Roberto se calou e que tambem hy estauam outros homes e porem que não atemtarão por yso por estãrem apartados delles e que elle denuncyante deu comta disto ao doutor Manuel Bacys por saber que vem a esta casa e elle lhe dise que o vyese dizer a esta mesa e por yso o vem dizer por descarego de sua concyencya e al nom dise e do costume dise nada e que ha muito tempo que conhece o dito Roberto e lhe foy mandado ter segredo no caso sob carego do juramento e elle asy prometeo e asynou aquy juntamente com elles Senhores Imquisidores Antonio Rodrigues e escrevi com as duas entrelynhas que se fizeram por verdade = Jorge Gonsalvez Ribeiro — Ambrosius doctor — Gaspar Fernandez (1)

A *margem*. — Já foi chamado a meza e lhe foy feita hua amoestação e parceeo de

<sup>1</sup> Torre do Tombo — Archivo do Ministerio do Reino Maio 444.

<sup>1</sup> Torre do Tombo, Inquis, L.<sup>o</sup> de Denunc. do anno de 1562 — fs. 71 —

sua qualidade que era bom christão e por isso não foi preso.

### III

#### Uma tragi-comedia jesuitica

Aos 25 de Setembro de 1707 saiu a barra de Lisboa n'uma fragata inglesa, comboiada por uma esquadra da mesma nação, o conde de Villar-Major, mais tarde marquez de Alegrete, o qual, investido nas honras e dignidades de embaixadôr, ia encarregado da missão especial de cumprimentar em Vienna d'Austria o novo imperadôr e de sollicitar a mão de sua irmã, a archiduqueza Maria Anna, para o joven monarcha portuguez D. João V.

Desempenhou-se o embaixadôr honrosamente do seu encargo, posto que não o conseguisse tão completo como desejava, pois não logrou alcançar a promessa de casamento da archiduqueza mais nova para o infante D. Francisco. A viagem, tanto na ida como na volta, teve de effectuar se já por via maritima, já por via terrestre e durou treze meses sendo muitas e variadas as suas peripecias, embora não se registasse no seu diario, a par de bastantes incommodos, nenhum incidente desastroso. Foi o chronista d'esta odysseia o padre Francisco da Fonseca, da Companhia de Jesus, que se mostrou discreto observadôr, narrando em linguagem concisa e elegante, os factos que teve occasião de apreciar durante toda a jornada, aproveitando-se para isso da convivencia do Conde, que sempre acompanhou na qualidade de seu confessôr.

O padre Fonseca regressou annos depois a Vienna, acolytando o conde de Tarouca, e alli teve occasião em 1717 de publicar a sua narrativa, que interessa por mais de um lado, sendo rica em noções historicas e geographicas. De quando em quando sobresaem phrases engraçadas, humoristicas, d'uma delicada ironia, que bem revelam no jesuita um homem de espirito. O seu estylo e a linguagem podem servir de modelo, posto que de quando em quando empregue algumas palavras que não são de absoluto purismo, taes como: sapino, osteria, ruta, flambó, etc.

A viagem da joven rainha, desde Vienna d'Austria até Rotterdam, onde embarcou, atravez dos diversos Estados allemães, pôde dizer-se que foi um verdadeiro passeio triumphal, obsequiada em toda a parte pela fidalguia e nelas corporações civis e religiosas. Estremaram-se n'estas provas de affecto os jesuitas, por quem ella mostrava singular sympathia. Em alguns collegios recitaram-

lhe discursos, fiseram-lhe descantes e representaram peças dramaticas. Uma d'estas peças ou tragi-comedias executou-se em Praga, sendo grande o numero das pessoas que entraram no seu desempenho. Era escripta em latim e n'aquelle genero de outras que os jesuitas representaram em Portugal, sendo estes exercicios dramaticos dos mais proveitosos e frequentes numeros do seu programma pedagogico. Eis como o padre Fonseca nos pinta o aparatoso entretenimento dramatico:

«Em hum destes dias foi sua Magestade á Cassa dos Veados, e em hua tarde de outro ao Collegio clementino da Companhia de Jesus, aonde se lhe representou hua famosa tragi-comedia, em que entraram cento e treze pessoas, das quaes tres eram Principes, desanove Condes, onze Barões e as mais da mayor fidalguia do reyno, e que tinha, por titulo: *Gratiarum unio in Annâ, ex Joanne*. Fez se com bello successo excellente musica e dança e muito agrado de Sua Magestade que depois viu o Collegio e o Refeitório, e com a sua inata benevolencia agradeceo aos padres estes seus applausos.»

Não sei se a tragi-comedia se chegou a publicar na integra ou pelo menos o seu argumento ou libreto.

Anteriormente presenciára Sua Magestade um espectáculo identico, na cidade de Neuhaus, no palacio do conde de Schernin. Recortarei a paginasinha que o mesmo chronista consagra á festa:

«De tarde assistio Sua Magestade com toda a côrte a uma pequena tragi-comedia, que em hua sala do mesmo palacio, em hum theatro feito de novo só para este fim, lhe fiserão os padres da Companhia de Jesu pellos estudantes das classes do Collegio, dos quais foi hum o filho do mesmo conde de Schernin que fez o seu papel muito bem, e com muyto agrado de Sua Magestade que os louvou a todos publicamente, e deo as graças ao R. P. Reytôr do Collegio Federico Bruno de hum festejo, que lhe tinha sido tão agradavel.»

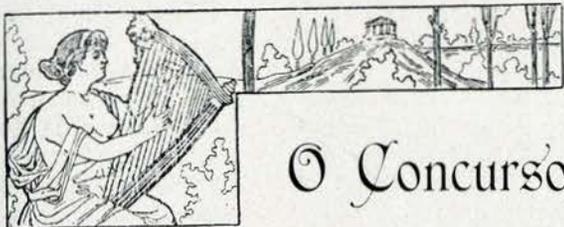
E' muito provavel que a esta tragi-comedia servisse tambem de thema o consorcio da formosissima esposa de D. João V.

Ainda quando ella se achava em Vienna d'Austria, entre as festas a que assistiu o nosso embaixadôr, uma das mais encantadoras foi a representação no theatro da côrte da opera italiana — *Il Natale de Junone*. A sala, já de si magnificante, apresentava um aspecto deslumbrante pelo numero

e qualidade das pessoas. O padre Fonseca diz maravilhas d'aquelle serão musical, em que tudo concorria para o tornar majestoso e aprasivel.

O sr. Francisco da Fonseca Benevides, nas suas *Rainhas de Portugal*, não menciona nenhum dos episodios occorridos no trajecto da Rainha D. Marianna d'Austria, de Vienna a Rotterdam.

SOUSA VITERBO.



## O Concurso

Poucos emprehendimentos se tem effectuado entre nós, no campo da arte musical, com significação tão levantada, alcance tão positivo e exito tão satisfatorio como o Concurso ultimamente aberto entre compositores portuguezes, por iniciativa da *Sociedade de Musica de Camara*

O proposito, em bôa verdade, era um tanto arrojado! Levar o compositor portuguez a escrever musica de camara pode parecer a alguns uma coisa simplissima, mas o que é um facto é que ainda nos paizes mais avançados, a bôa musica de camara que, com as fórmulas imperiosamente exigidas pela arte moderna, obedeça ás leis tradicionaes que regem o genero, é extremamente rara é até inabordable para muitos artistas de nome mundial.

A musica que se convencionou chamar *de camara*, e que tem por base a *sonata*, com o *trio*, *quarteto*, etc., por variantes, é a mais abstracta de todas as musicas; é o asylo inviolavel da arte pura, extranha a todo o programma e a toda a psychologia, satisfeita do seu accordo com as regras do bom gosto, do equilibrio e d'uma severa logica. Mas mesmo por isso, é um genero de composição difficil e muitas vezes ingrato. Requer sobretudo, e n'essa exigencia se não differença de qualquer outro ramo dos conhecimentos humanos, uma constante e dedicada frequencia das obras primas da especialidade. E como tel-a, no caso presente, senão pela *analyse*, pela *audição* e até pela *execução*, das obras mais typicas, a partir de Mozart e Beethoven, até chegar aos mais avançados d'hoje, como d Indy, Strauss, Debussy e outros?

Assim, foi motivo d'extranheza para muitos o facto de se apresentarem a concurso

nada menos de *vinte* obras de musica de camara, em um paiz onde ella é tão escassamente cultivada e, porque não dizel'o, tão friamente apreciada.

E' effectivamente extraordinario o numero, que só tem explicação cabal na inconsciencia com que alguns dos concorrentes se lançaram na lucta...

Ha umas tantas verdades, que se não podem, que se não devem occultar, para beneficio de nós todos. Um dos defeitos capitaes do musico portuguez é supôr que a meia duzia de theorias, que lhe martelaram no Conservatorio, bastam e sobram para lhe dar a plena posse das faculdades que a sua carreira exige. Não pensam que o ensino official, todo feito de rotinas e de logares communs, só pode considerar-se como fundação, mais ou menos solida, de um edificio que está ainda por construir. Não vêem que, no dominio da composição, por exemplo, o que se impõe logo que, melhor ou peor, se digeriram os methodos, é o estudo das obras dos mestres e a analyse conscienciosa das fórmulas musicas, nas suas successivas e constantes evoluções.

O compositor portuguez (fallamos, é claro, da maioria) não vê nem quer vêr nada d'isso. Julga-se forte com as suas theorias e fecha teimosamente os olhos a tudo o que se passa em volta d'elle. Entricheira-se na torre eburnea da sua sciencia e recusa-se a toda a communicacão com o mundo exterior. Tem sobretudo um instinctivo horrôr por tudo o que se passa alem fronteiras, onde se lhe afigura que não ha senão herejes e reprobos, em materia d'arte.

N'estas circumstancias, da apresentação de vinte obras de musica de camara tinha necessariamente de resultar um desastre para a grande maioria dos concorrentes. E ainda assim, a um dos illustres jurados ouvimos nós affirmar que rarissima seria a peça, das que vieram a concurso, em que se não pudesse notar alguma cousa, um andamento ou uma phrase, que o tivesse interessado! E isso não vem senão confirmar o que tantas vezes temos dito ácerca da instinctiva capacidade natural do nosso musico.

O certo porém é que o jury, a defrontar-se com essa massa de produções mais ou menos dignas de um minucioso exame, mas todas com equal direito a elle, teve de fazer apêlo a tudo o que em si podia encontrar de attentção, d'esforço, de paciencia e d'intelligent applicacão para desempenhar a sua espinhosa missão de julgadôr. Só homens do valor intellectual de Vianna da Motta, Ernesto Vieira e Antonio Arroyo, como presidente e secretarios do jury, e de Adriano Merea, Alberto Sarti, Augusto Ger-

schey, Flippe Duarte, Francisco Benetó, Frederico Guimarães, João D' Korth, George Wendling, Manuel Tavares, Marquez de Borba e Timotheo da Silveira, todos notáveis nos differentes ramos da nossa divina arte é que poderia abalançar-se a tal empreza com o desassombro, probidade e consciencia que são o apanagio da verdadeira justiça. Affigura-se-nos admiravel o que esses homens fizeram, no estudo methodico e escrupulosa analyse das vinte partituras que lhes foram apresentadas: é exemplo para registrar-se o modo como os trabalhos foram conduzidos, do principio ao fim, e a constante preocupação de todos e de cada um no desempenho consciencioso do seu mandato. N'essa ordem d'ideias, cada uma das obras foi analysada meudamente, sob o ponto de vista da architectura, da forma, das ideias, do estilo, da correcção harmonica, da polyphonia, da modulação e do emprego dos instrumentos. Como era natural, não foi extranho a esse primeiro estudo a função eliminatória, que devia circumscrever em justos limites o cyclo de trabalhos a seguir. Mas foi tal, ao que consta, a benevolencia dos julgadores, que só não teve absolvição o peccado .. mortal: os peccadilhos leves passaram a mór parte das vezes á conta de ardôres de mocidade ou de desculpaveis distrações de...artista.

Seguiu-se a audição das obras mais importantes, e essa fez-se publica, podendo assim os directa ou indirectamente interessados no assumpto julgar *de visu e de auditu* da attenção e escrupulo com que os trabalhos proseguiram. Metade do material em concurso foi apreciado por essa forma, sendo ainda, por solicitação do jury, repetidas algumas peças e executadas outras privadamente.

Compreende-se, em presença do que

deixamos dito, que as resoluções finais do jury fossem respeitadamente acatadas e applaudidas por toda a gente. Na attribuição dos premios e distincções a alguns dos concorrentes houve principalmente em vista animar tendencias felizes e pôr em foco as personalidades mais promettedoras da nossa arte, em materia de composição musical.

Não podiam ir além d'essa função d'estimulo as aspirações da Sociedade iniciadora e dada a mesquinhez do meio, as deficiencia da escola e a fraca diffusão d'este genero de musica entre nós, seria rematada insensatez exigir mais do que isso n'este primeiro certamen

A bellissima *Sonata* de Luiz de Freitas Franco, a que o jury concedeu um *primeiro premio com distincção*, poderia servir d'exemplo. n'este e em todos os Concursos a fazer de futuro, para determinar quaes devam ser ás legitimas ambições dos promotôres. Sem ter por certo a pretensão de estar isenta de defeitos, nota-se sem esforço n'esta brilhante partitura o arrojo da concepção, a segurança da forma, a liberdade sem desordem e, mais que tudo, a deducção conscienciente dos motivos primordiales da obra, observada sobre-

tudo nos trez primeiros andamentos por modo a não esmorecer nunca o interesse, e, o que é mais, a manter sempre viva a emoção.

Como compositor, Luiz de Freitas Branco, apesar dos seus 18 annos, não é positivamente um tímido, e a sua *Sonata*, quer pela extranheza de algumas tonalidades, quer mesmo por certas responsabilidades d'execução, um tanto duras, ha-de pôr os cabellos em pé a mais de um. Mas assim é que se escreve hoje. A esthetica da musica de camara não é já a de ha cem annos e mal avisado andará todo aquelle que quizer



O diploma do Concurso  
(Arthur Alves Cardoso)

vêr na obra, aliás imperecível, dos creadores do genero, outra cousa que não seja a lei architectonica, á qual tem que submeter-se, e o modelo d'estudo, d'eterna e inconfundível belleza, que tem que admirar, amar e... não copiar.

Freitas Branco tem apenas 18 annos, como já dissémos (nasceu em Lisboa, a 12 de outubro de 1890) Começou a estudar violino, aos doze annos, com o mallogrado Andrés Goñi. compondo por esse tempo, e apenas subsidiado por algumas noções theoricas, umas sonatinas para dois violinos, que não são destituídas de merecimento. Até 1907 foi leccionado em harmonia e contra-ponto pelo professor Thomaz Borba e o influxo d'este mestre, de tão vasto saber e tão levantada probidade artistica, não foi decerto indifferente no desabrochar do promettedor talento de compositor, que hoje todos reconhecem no joven laureado. Trabalhou em seguida Luiz de Freitas Branco na *Academia dos Amadores de Musica* e com o professor Pâque, recebendo constantemente conselhos e preciosas indicações do maestro Augusto Machado e de seu tio, o dr. João de Freitas Branco. E' talvez na immediata influencia d'este ultimo, um espirito cultissimo, *double* de artista excepcionalmente progressivo e intelligente, que deve filiar-se a invulgar individualidade musical do auctor da Sonata, e estamos em crêr que, se não tivesse a seu lado esse erudito mentor, tão curioso de tudo o que com a arte se relaciona nos paizes em que ella tem melhor culto, não teria logrado attingir em tão verde idade as facultades especiaes de compositor moderno que se admiram na sua obra.

Consta-nos que o moço artista vae emprehender uma viagem de estudo e de aperfeiçoamento. Faz bem: e isso mesmo prova que nos louros e nos applausos d'hoje não quer vêr mais que o que elles realmente representam — o reconhecimento de uma indiscutível aptidão, a que falta ainda o natural amadurecimento, e um poderoso incentivo de trabalho.

Conferiu tambem o jury um *primeiro premio* ao *Quarteto em ré* menor, de Julio Neuparth, apresentado a concurso sob a divisa *Quand même*. E' evidentemente uma obra de mestre, ponderada e interessante a muitos respeitos, notavel pela unidade e pela expressão, que, uma ou outra, tantas vezes escasseiaram nas suas concorrentes. Outhorgando-lhe com inteira justiça um primeiro premio, o jury do Concurso não poz em foco uma promessa, mais ou menos garantida: confirmou uma reputação já solidamente estabelecida e consagrada.

Julio Neuparth, em cuja certidão de baptismo figura a data de 29 de março de 1863, é filho do grande artista que se chamou Augusto Neuparth, uma das mais lidas glorias musicaes do nosso paiz. Concluiu distinctamente no Conservatorio os cursos de violino, harmonia e contraponto, trabalhando tambem no mesmo estabelecimento d'ensino, o piano e a trompa. Em 1895, foi nomeado professor d'harmonia do Conservatorio, onde egualmente desempenha as funções de Secretario do Conselho d'Arte Musical. Na sua avultada bagagem de compositor figuram obras, que o favor do publico já largamente assignalou com merecido applauso. Lembram nos, entre outras, a *Abertura em dó maior*, *Rêverie*, *Minuetto capriccioso*, a *suite* que tem por titulo *L'Orientale*, uma *Paraphrase* sobre uma canção popular, um *Impromptu* todas para grande orchestra, e varias operetas e operas-comicas, como *Noites d'Odivellas*, *Os Ciganos*, etc. Tem-se distinguido tambem este notavel artista em estudos historicos e criticos que publicou em tempos na sua revista *Amphion*, já extincta, e no *Diario de Noticias*, onde sempre são lidas com summo interesse as suas dissertações e artigos musicaes Julio Neuparth é socio effectivo da Academia das Sciencias.

Consagraremos tambem, com infinito prazer, algumas linhas a Rodrigo da Fonseca e José Henrique dos Santos, individualidades artisticas de especial destaque, que n'este interessante certamen se evidenciaram por tal modo, que logo se impuzeram, como acto de justiça, as *menções honrosas* com que o jury os premiou.

Rodrigo da Fonseca, discipulo de Francisco de Sousa Correia (da escola de Mignon), dedica-se ha cerca de 40 annos á leccionação do piano e da harpa, com exemplar dedicação e superior proficiencia, tendo sido nomeado em 1906 professor examinador dos cursos de piano no Conservatorio Real de Lisboa. E' um probo e diligente artista. Apaixonado pela composição, para a qual dispõe de um temperamento excepcional e conhecimentos que se podem considerar absolutamente fóra do vulgar, tem produzido grande numero de optimas composições, mais de uma centena, na sua maior parte para piano ou para canto e muitas d'ellas divulgadas pela impressão, e singularmente apreciadas pelos entendidos. Estão n'esse caso os albuns de peças de piano e de canto, publicados poucos mezes antes da realisação do Concurso e que teem tido, não um exito de livraria, porque esse é privilegio, no nosso paiz, dos fadinhos e fragmentos de revistas, mas

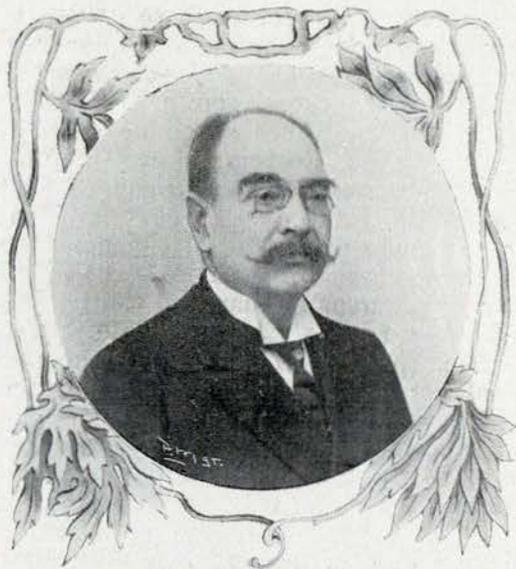
# Os laureados do Concurso



LUIZ DE FREITAS BRANCO  
1.º Premio com distincção



JULIO NEUPARTH  
Primeiro premio



RODRIGO DA FONSECA  
2 Menções honrosas



JOSÉ HENRIQUE DOS SANTOS  
Menção honrosa

o elogio incondicional dos amadores de boa arte.

Teve este proficiente compositor uma dupla *menção honrosa*, pela sua *Sonata* para piano e violino com a divisa *Ha muito eu canto* e pelo *Quarteto* para instrumentos de corda, com a divisa *Meus males não espanto*. Denotam ambas uma admirável facilidade no manejo do contraponto e uma technica largamente experimentada, o que não significa que lhes seja de todo extranha a nota de paixão tão essencial em toda a produção artistica. Empolga nos, mais de uma vez, essa nota de paixão, principalmente na sonata, e o uso frequente da luxuosa polyphonia, em que tanto se compraz o feitiço especial do seu talento, nem sempre lhe fez esquecer a mais nobre das missões do artista, que é a missão de commover. Assim, não é difficil vaticinar uma longa vida a essas duas bellas obras, que terão tudo a ganhar com uma execução frequente e cuidadosa.

O *Quarteto* para instrumentos de corda, que José Henrique dos Santos apresentou a concurso sob o numero 74.380, foi tambem objecto de uma *menção honrosa*, absolutamente justificada pela extrema perfeição scientifica da obra, pela pericia dos desenvolvimentos thematicos, pela riqueza da polyphonia e pelo *ar* de verdadeiro quarteto que circula desempenadamente em toda a obra. Acaba este interessante trabalho de ser dedicado, por especial deferencia do seu auctor, ao director d'esta revista — e se essa subida distincção nos impõe o agradavel dever de um agradecimento, impede-nos todavia de nos alongarmos em referencias elogiosas, que, na terra do louvôr mutuo, poderiam parecer suspeitas.

José Henrique dos Santos pertence ainda á ala dos novos. Nasceu em 7 de dezembro de 1874 e foi um dos alumnos laureados do Conservatorio, onde cursou rudimentos com Cunha e Silva, flauta com João Emilio Arroyo, violoncello com Eduardo Wagner, harmonia com Neuparth e Guimarães e contraponto com este ultimo. E' *primeiro flauta* na orchestra de S. Carlos, distinguindo-se innumeradas vezes como solista, tanto no theatro lyrico, como nos concertos da *Sociedade de Musica de Camara* e outros, onde os seus serviços artisticos são sempre altamente apreciados; mas se com o *virtuoso* conquistou rapidamente uma situação entre nós, não tem sido menos feliz na sua carreira de compositor, que já lhe tem valido muitas e merecidas glorias. A oratoria *Jesus e a Samaritana*, que a *Schola Cantorum* executou com tanto applauso, uma *Missa* a tres vozes e orchestra, uma antiphona *Cum apropinquaret Dominus* para tres vozes e *capella*,

um *Minuetto* para instrumentos d'arco, um *Te-Deum* e quatro *Tantum Ergo* para vozes e orchestra, e uma *suite* d'orchestra, *Scenas campestres*, são, crêmos nós, as suas composições de maior vulto.

Quinze das obras apresentadas a concurso não puderam ser admittidas a premio, o que não significa que não houvesse entre ellas alguns trabalhos de valor real ou denotando, pelo menos, aptidões que não são de modo algum para desprezar; succede porém que n'essas mesmas, ou pela precipitação com que foram concluidas ou pela accumulção de lapsos de composição e de copia, não julgou o jury encontrar a reunião das qualidades que licitamente se deviam exigir no presente concurso. E' inutil dizer-se que foi escrupulosamente mantido o anonymato n'essas quinze obras e que, mediante determinadas formalidades, são desde já restituídos os respectivos manuscriptos e as cartas lacradas que os acompanharam.



## O S. JOÃO EM BRAGA

Té os moiros na moirama  
Festejam o S. João

Perdem-se, uma apoz outra, todas as tradições e velhas usanças do povo! Tal é o melancolico queixume que soítam, desanimados, os que, sob um ou outro aspecto, se teem querido arriscar ro campo, singularmente vasto, da ethnographia portugueza.

E de facto, se fôrmos surprehender o povo, o verdadeiro povo das aldéas e dos campos, no seu arduo labutar de todos os dias ou na folgança dos domingos e dias festivos, haremos de notar que raros já são os elementos de vitalidade propria e de originalidade ethnica que marcadamente o caracterisam.

A linguagem é abastardada e espuria; o trajar desgracioso e neutro; a canção informe e sem character.

Parece mesmo que no typo da belleza, lendaria até nas mulheres d'entre Aveiro e Vianna, esmaeceram as mais formosas tintas e se quebraram as linhas mais gracis!

Das industrias locaes, algumas tão curiosas e pittorescas, pouco ha que tenha resistido ás tyrannias do progresso e da moda; e se exceptuarmos as rendas de Peniche e de Villa do Conde, as infusas e pucaros d'Extremoz, a louça preta de Vizeu e de Gaya, as filigranas do Porto e os vimes e marchetados das ilhas, quasi nada resta, que nos lembre, para dar honra e proveito ao

trabalho nacional, que, no dominio da olaria, da faiança, da serralharia, da ourivesaria e do lanificio, tanto se notabilizou em tempos idos.

O azulejo, essa gloria portugueza dos seculos XVII e XVIII, chegou a desaparecer por completo do mercado nacional e as tentativas artisticas d'hoje, ou pelo retrahimento do comprador ou pela insufficiencia do producto, mal podem aspirar a uma longa vida.

Na indumentaria obliteram-se os traços mais caracteristicos e as côres mais bizarras; as lavradeiras de Affife e de Vianna, as peixeiras de Ovar ou de Estarreja, os campinos do Ribatejo, e os alemtejanos,

o passo á masurka e á valsa a tres tempos; a viola de Braga, o instrumento popular por excellencia, que ainda ha annos dominava em toda a metade norte do paiz, já nem em Braga se logra ouvir<sup>1</sup>; e a *cantiga ao desafio*, que fazia a delicia das *desfolhadas*, dos *serões* e dos *outeiros*, fugiu espavorida ante a nudez obscena da copla de revista.

Longe das cidades e dos grandes centros de actividade, ainda se mantem comtudo illesas certas tradições, sobretudo as que mais directamente prendem com a devoção e com a crença, porque estas são fóra de duvida as que, desde tempos immemoriaes, mais fundas raizes deixaram na alma popular. Assim, a romaria, a procissão e o cirio,



A dança do Rei David

com os seus çafões nas pernas e o seu çamarro aos hombros, ou os madeirenses com a sua carapuça de funil, são porventura os unicos typos que nos ficam a attestar a riqueza e a criginalidade do guarda-roupa popular.

As *viuvas* de Braga, as *arrufadas* de Coimbra, o *pão de ló* de Margaride, os *ovos molles* d'Aveiro, os *celestes* de Santarem, os *pasteis* de Santa Clara e as especialidades aliás ainda famosas do Algarve, são já restos mais ou menos pervertidos da doçaria freiratica, que foi talvez a primeira doçaria do mundo.

Nos descantes e nas dansas já de ha muito se nota a mais lamentavel decadencia. O *baile de roda* e o *balharico saloio* cederam

como manifestações de devoção aldeana e ainda que já hoje desataviadas de muitos dos seus elementos pittorescos, constituem só por si um dos melhores campos d'estudo para quem pretenda sondar os mais reconditos recessos da vida do povo.

Sem fallar na festa do *Corpus*, rica de

<sup>1</sup> A affirmação é talvez exaggerada, mas o que é fóra de duvida é que a viola bragueza perdeu já muito do seu prestigio entre as classes populares. Não só no norte, como em todo o resto do paiz, o infame *harmonio* veio pôr a sua nota banal e pelintra em toda a musica do povo.

Se juntarmos a isso a falta d'instincto musical que caracteriza certas regiões, ficaremos fazendo uma ideia mediocrementemente lisongeira do estado actual da musica popular.

Em Lisboa e arredores sobretudo, o facto vulgarissimo de estar o cantador em uma tonalidade e o acompanhador n'outra parece não escandalisar ninguém!

synbolos e de concepções mythicas, e velha de seis seculos, mas tão largamente generalizada em todo o paiz, que dispensa quaesquer referencias, são tantas e tão variadas as manifestações populares d'essa natureza, que a sua simples menção atulharia estas columnas, sem que se lograsse formular uma lista completa e certa.

Lembram-nos comtudo algumas, em que persistem curiosas costumeiras populares, mais ou menos adulteradas pelo tempo e pela civilização, mas enraizadas na sua maior parte em antigas allegorias tradicionaes. São entre outras a *Festa do Cuco* em Villa Nova de Famalicão, que se singularisa por exhibições as mais grotescas, o *S. Gonçalo d'Amarante*, vagamente ligado a um antigo culto phallico, as *Trevas*, que em Lamego, Ponte da Barca e outros pontos servem de pretexto a apparatusas mascaradas, o *Dia da Espiga*, conhecido no Porto pela designação de *Quinta-feira da Hora*, a historica *Procissão dos Taboleiros*, de Thomar, em que as viandas e o pão bento desempenham um importante papel, a *Folia do Espirito Santo*, que suppomos ainda em vigor nas margens do Zezere, a *Fomaria de Santa Maria d'Antime* (Fafe), em que os latagões da terra se defrontam com um andôr de 16 arrôbas, a *Procissão de S. Bartholomeu*, notavel pelos azedumes que desperta (e comcomitantes pauladas) entre os povos do Minho e Traz-os-Montes, etc.

Mas por muito características que sejam essas festas e romarias, nenhuma tem o cunho tão profundamente popular e alegre como a que se destina a celebrar em fins de junho o precursor de Christo.

Para a gente das aldeias, o S. João é uma especie de divindade familiar, de abordo facil, que não hesita em galhofar com as cachopas, contar-lhes garotices e patrocinar-lhes os namoricos. Não conhece talvez o povo a lenda tragica que envolve os ultimos annos da sua aventureosa vida e não sabe que certa Salomé, enteada de um tetrarca da Galilea, se deixou endoidecer de amor pelo formoso asceta e, perdida de lascivia, o mandou decapitar; são historias demasiado complicadas para a ingenuidade popular, que se contenta em vêr no baptista, um santinho sempre moço e folgazão, ligado por instinctivas afinidades ás suas esturdias e aos seus amôres.

D'ahi toda uma serie de symbolismos e de augurios, que põem n'essa noite estival de S. João, uma nota, a um tempo doce e ingenua, de anciedade amorosa...

Dizem os auctores mais considerados <sup>1</sup>

que a coincidência chronologica do solsticio do verão com a popular festividade denuncia a sua filiação nos antigos cultos sideraes. Assim será; mas independentemente da tradição mythica, basta o conjuncto de superstições que caracterisam o culto do baptista e a generalisação d'esse culto em todos os recantos do paiz, para nos arrogarmos o direito de lhe attribuir uma remotissima origem.

Parece que os mais antigos vestigios das festas joanninas, na pittoresca tradição que poeticamente as envolve, datam do seculo XVI e precisamente de Braga, onde ainda hoje mais se distinguem pelo luzimento e pela devoção.

Em uma das actas da vereação da cidade primaz <sup>1</sup>, já se descreve o conjuncto de folguedos que, n'aquella epoca, e a pretexto de homenagem ao santo, se offereciam ao povo de Braga, para seu regosijo e espectáculo.

Na vespera, os mordomos e juizes das confrarias de S. Thiago e S. João, com as respectivas bandeiras, faziam sahir os *candeleiros* ou cirios, e dirigiam-se processionalmente á Sé. Sob a vigilancia dos mesmos mordomos e juizes deviam tambem sahir as danças: a *dança da péla*, que as chronicas do seculo XV já citavam, e que tinha por elementos principaes umas raparigas que dançavam com outras sobre os hombros — e a *mourisca*, bailado guerreiro, que tambem data de tempos immemoriaes, e de que ainda hoje se podem vêr vestigios nas *danças da Bica* do insulso carnaval lisboeta.

A *serpe* e os *cavallinhos fuscros* eram outros pratos de resistencia na tradicional procissão joannina <sup>2</sup>. Mas o que mais interessava talvez o povo era a montaria ao *porco preto*, que devia ser emprazado de vespera para alem da ponte de Guimarães, para ser corrido e morto no proprio dia, entre folguedos e correrias, e logo que chegasse a bandeira da cidade, com a gente de cavallo <sup>3</sup>.

No citado documento municipal ainda se allude aos *beberêtes*, que os mordomos eram

contentar com os pormenores da origem e historia das festas de S. João no nosso paiz, lerá com prazer as seguintes obras: — Th. Braga—*O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*; Alberto Pimentel—*As alegres canções do norte*; e José Gomes—*O S. João em Braga*.

<sup>1</sup> Com a data de 10 de junho de 1579. Vem resumidamente transcripta por José Gomes, na sua obra já citada.

<sup>2</sup> A *serpe* era uma especie de tarrasca, com forma de serpente horrivelmente sarapintada e sob cujo ventre mal se disfarçavam os pés dos homens que a conduziam.

Quanto aos *cavallinhos fuscros* eram simplesmente bicharrôcos de lona pintada de escuro. Nos seculos XVI e XVII acompanhavam em procissão certas corporações d'officios, cordeiros, albardeiros, etc.

<sup>3</sup> A corrida do porco persistiu até á ultima metade do seculo XVII

<sup>1</sup> A bibliographia joannina é vastissima, mas quem se

obrigados a offerecer ao povo, terminando as diversões com a festa da *bandura*<sup>1</sup>, ordenada pelo *anadel* dos almocreves, com todos os preceitos da bôa cavallaria.

Por meados do seculo XVIII ainda se singularisaram as festas de S. João, em Braga, por uma espaventosa procissão, prodiga de carros e allegorias, musicas, dansas, e outras pompas com que a Primaz das Egrejas hispanicas vistosamente exteriorisava o seu devoto ardôr. E em 1754 executava-se a expensas do padre Felix d'Araujo um curioso *Passo Mythologico-Sacro*, cuja relação temos á vista<sup>2</sup> e em cuja composição fraternisavam, sem duvida com secreto pasmo, o Jupiter, o Marte, o Neptuno, o Bacho, Cupido, o Rei Priamo e... os Apostolos.

Fechava a mascarada com a *dança dos instrumentos*, em que os figurantes, no dizer de um chronista lisboeta do seculo XVII, «dançavam com muita destreza ao som dos instrumentos que tocavam, os quaes eram em si differentes, hum trazia viola, e outro soalhas<sup>3</sup>, outro hum tiampano, outro as sete avenas do deos Pan: outros flautas, cornetas, fagotes e baixões: o que tudo descãtando com muito ar, fazia armonia tão notavel, que não menos com ella se recreavão os ouvidos, do que com a destreza das mudanças se alegrava a vista.»<sup>4</sup>

De todas essas exhibições tradicionaes, a unica que ainda hoje se conserva com o seu primitivo character allegorico é a *Dansa do Rei David*, cuja figuração reproduzimos em gravura, e que faz parte integrante das festas bracarenses, na solemnisção annual do nascimento do baptista.

Data esse baile singular, segundo as melhores hypotheses, do principio do seculo XVIII, e figuram n'elle, quasi exclusivamente, as *violas e rabecas*. Na sua origem era regalia e obrigação de certas corporações d'officios—correeiros, pasteleiros, palmilheiros e sirgueiros. Em 1833, quando o senhor D. Miguel, tão querido dos bracarenses, tinha a sua côrte na devota cidade, a tradicional dansa figurou mais de uma vez no paço, para regalo das senhoras infantas.

Hoje, se não fossem os *cabeçudos*<sup>5</sup>, a

<sup>1</sup> No seculo XIII já era conhecida em Braga esta diversão. Consistia em corridas a cavallo, sendo os cavalleiros obrigados a quebrar uma taboa durante a carreira. A actual corrida das *pucarás* e dos *frangos* é um reflexo da antiga *bandura*.

<sup>2</sup> Transcripta integralmente na obra já citada de José Gomes.

<sup>3</sup> As soalhas são os pequenos cymbalos que adornam os pandeiros. Trata-se portanto de pandeiro, ou antes de *adufe*.

<sup>4</sup> Citação de José Gomes—Obra cit.

<sup>5</sup> Os cabeçudos ou gigantes articulados encontram-se ainda muitas vezes nos carnavaes citadinos e são communs a diversas tradições populares.

*travessia de S. Christovam*<sup>1</sup>, e a *dansa do Rei David*, as festas de Braga, em que avultam o tiro aos pombos, as illuminações, a pyrotechnia e os concursos de bandas marciaes, productos mais ou menos dessorados da civilisação hodierna, as classicas festas de S. João em Braga nada teriam que ver com os ingenuos, mas portuguesissimos folgedos dos nossos avós.

L.



Em 15 e 18 tiveram logar no salão da *Illustração Portugueza* as duas ultimas audições da musica destinada ao concurso da *Sociedade de Musica de Camara*.

A cargo dos srs. José Bonet e Francisco Benetó esteve, na primeira d'essas sessões, a execução das seguintes sonatas:

### Ha muito eu canto A visão interior

que, na ultima sessão, foram repetidas pelos mesmos artistas e a pedido do jury.

Tocou se tambem n'esta ultima audição o quarteto de piano e arcs, que tinha por unica divisa a conjunção:

### Mas...

tendo-se feito, n'essa mesma tarde de 18 e em sessão privada de jury, leitura de mais algumas obras, das que se julgaram melhor corresponderem ao intuito do Concurso.

Apoz a execução do quarteto de piano, a que acima nos referimos, confiada aos srs. Bonet, Benetó, Forsini e Boygas, recolheu o jury ao seu gabinete para tomar as deliberações, que constam do nosso artigo especial.

Ao serem annunciados pelo secretario do jury, o sr. Antonio Arroyo, os nomes dos laureados, foram estes longamente ovacionados pelo publico que ainda se conservava na sala.

### O grande sarau-concerto, promovido em

<sup>1</sup> A imagem gigantesca do S. Christovam é muito venerada em todo o Minho. Tem-o o povo por advogado contra o fastio. A *travessia de S. Christovam* é a invocação ingenuamente piedosa de uma lenda que attribue ao santo, pela sua desmesurada altura, a fortuna de ter transportado, atravez de um rio, o menino Jesus sobre os hombros.

Nas festas joanninas, a corpulenta imagem é collocada no meio do rio, em attitudo de o atravessar a vau.

favôr da subscrição destinada pelo *Seculo* ás escolas de Salvaterra e Samora Correia, teve foros de verdadeira festa.

Effectuou se, como havíamos annuciado, no theatro de D. Maria e na noite de 16. Quasi inteiramente consagrado á musica, pois que de actores só figuraram Eduardo Brazão e Aura Abranches, recitando versos, teve esta sympathica festa de caridade a collaboração dos mais eminentes artistas — Vianna da Motta e Colaço no piano, Francisco Benetó no violino, Alberto Sarti com numerosas e gentis discipulas da sua *Schola Cantorum*, Hilda King na harpa, etc., etc.

Na parte vocal e como solistas, tiveram largo quinhão de applausos as sr<sup>as</sup> D. Clara Sarti, que suscitou, como sempre, um fanatico acolhimento nas duas romanzas com que deliciou o auditorio, D. Hermelinda Cordeiro, D. Isabel Northway do Valle, D. Laura Sauvinet Bandeira e D. Amelia d'Almeida Serra. Exceptuando esta ultima cantora, são já tão consideradas e conhecidas no nosso meio artistico estas illustres senhoras, que seria redundancia tecer-lhe aqui novos louvôres. Quanto a D. Amelia Serra, que pela primeira vez ouviamos, devemos dizer que nos fizeram uma optima impressão a pureza do seu timbre, a correcta afinação e a extrema ductilidade da sua bella voz de soprano ligeiro, que a sciencia de Alberto Sarti tenderá constantemente a melhorar e polir. E se S. Ex.<sup>a</sup> nos permitisse um reparosinho, que visa de resto uma exigencia talvez secundaria, pedir-lhe-hiamos em seu proprio interesse que diligenciasse modificar a sua pronunciação italiana, a que falta ás vezes o purismo e a euphonia da formosa lingua de Dante e de Petrarca. E' um promenor, sem duvida, mas promenor de não somenos importancia quando se dispõe de tão bellos dotes, como os que S. Ex.<sup>a</sup> evidenciou n'este concerto, e se pretende completar uma educação artistica, tão auspiciosamente começada.

Vianna da Motta, Rey Colaço, Francisco Benetó e a joven harpista, Miss King, fizeram-nos ouvir obras mais ou menos conhecidas do publico, merecendo, em cada uma, as mais calorosas demonstrações d'applauso. Referirmo-nos detalhadamente a ellas seria repetir o que tantas vezes temos dito a respeito dos quatro artistas, na altura respectiva em que cada um d'elles tem de ser criteriosamente collocado.

Os coros, sob a direcção de Alberto Sarti e apesar de ensaiados um tanto á pressa, tiveram todos os suffragios do auditorio, recebendo, tanto os coristas como o seu sympathico regente, uma larga somma de

applausos no fim de cada uma das obras executadas.

Em resumo, foi uma festa encantadora sob o ponto de vista da arte e generosamente profiqua sob o ponto de vista financeiro.

Na noite de 17 do corrente, realisou-se no salão do Conservatorio, a annual audição de alumnos d'este estabelecimento de ensino, em favôr do cofre de subsidios.

A concorrência foi como sempre numerosa e escolhida e a festa decorreu no meio do maior enthusiasmo.

Apresentaram-se alumnos das classes dramatica e musical, assim como uma orchestra composta exclusivamente por alumnos do Conservatorio sob a direcção do maestro Freitas Gazul que executou com notavel colorido e afinação tres numeros do programma.

Da classe dramatica tomaram parte os alumnos Amelia Pereira Cabral, Ilda Augusta Ferreira, Antonio Amorim e Augusto Montenegro, que disseram com grande propriedade varias poesias.

Em diversos trechos de canto ouvimos as alumnas Maria Ferreira da Costa e Helena de Barros Ozorio, discipulas do maestro Augusto Machado, e da aula dirigida pelo distincto professor Rey Colaço apresentouse a alumna Antonia Costa que no scherzo em si maior de Chopin, revelou qualidades apreciaveis.

O sr. Eduardo Magalhães, um violinista a quem não faltam intelligencia e aptidões executou a *Romança* em fá de Beethoven e a *Serenata* de Ambrosio, revelando mais uma vez a sua bôa escola e sobria dicção.

Os alumnos da classe de musica de camara dirigida pelo distincto professor Alexandre Bettencourt, executaram dois andamentos do quinteto de Klughart para piano e instrumentos de corda, que obtiveram uma interpretação muito apreciavel.

Como sempre, foram os coros dirigidos pelo illustre maestro Ribeiro, os numeros do programma que maior enthusiasmo provocaram, sendo a'guns d'elles bisados e o distincto professor calorosamente ovacionado.

Na tarde de 20 foi-nos dado ouvir tres artistas para nós ainda desconhecidos, Arthur Trindade, sua esposa e discipula D. Margarida Mornati Trindade e o pianista D. Luiz Quesada.

Arthur da Trindade Ribeiro teve como primeiro professor de canto ao nosso querido amigo e distinctissimo artista, Antonio Andrade, hoje infelizmente retirado da vida

artística, que tão primorosamente cultivou em tempos. Completou depois a sua educação profissional como pensionista do Estado em Italia, onde apoz o trabalho de alguns annos sob a direcção de Antonio Cotogni e Lelio Casini, percorreu alguns theatros d'aquelle paiz com exito sobremodo animadôr. Não se limitou o nosso barytono ás contingencias da vida theatral e, sorrindo-lhe tambem a sala de concertos, não hesitou em excursionar n'este novo campo d'arte, com a confiança que lhe dava a consciencia do proprio valor. Foi Arthur Trindade egualmente feliz como cantôr de concerto, dizem as nossas informações, e tanto mais facilmente o acreditamos que mui raro nos impressicna um cantôr, como logrou este fazel-o na audição a que nos estamos referindo. A voz é pastosa e extensa, prestando-se muito bem á phrase dramatica e sem que as qualidades de robustez e calôr, que lhe são proprias, prejudiquem muito sensivelmente os effeitos de agilidade. A empostação é perfeita e a dicção, servida por qualidades tão vantajosas, como essas que acabamos de esboçar, é quasi sempre justa e muitas vezes emocionante.

Tal é, no traço aliás fallivel de uma mera impressão pessoal, o artista portuguez que hoje apresentamos aos nossos leitores e que vae fixar se entre nós, segundo parece, para se consagrar á leccionação do canto.

Margarida Mornati dispõe tambem de optimos recursos de cantora. Na sua voz, flexuosa e doce, ha todas as intonações do sentimento e da graça, matisadas, de onde em onde, por uma nota de arrebataida paixão. E' tal a elasticidade d'esta voz, que chega ás vezes a prejudicar certos effeitos de dicção, pelo uso repetido do *enflé*; mas a interpretação é tão intelligente e a voz está tão bem «no seu lugar» que a breve trecho nos esquecemos d'aquelle pequenino senão, se realmente o é. Digamos tambem que a gentil cantora attinge sem esforço as notas do soprano *sffogato* e sempre com impeccavel afinação; é qualidade essa que nem sempre se encontra, mesmo nas profissionaes do canto.

Pelo que respeita a D. Luiz de la Cruz Quesada, parente talvez d'um Adolpho de Quesada (conde de San Rafael de Luyanó), inspirado e fecundo compositor do visinho reino, cujas obras de piano são muito apreciadas, difficilmente se poderia julgar do seu valor pela simples audição das duas curtissimas peças, uma de Tschaikowski, outra de sua propria lavra, que se limitou modestamente a tocar n'este concerto. Preparou-nos em todo o caso muito bem o es-

pirito para outra audição, em que mais largamente se exteriorise e assegurou desde já para ella toda a nossa attenção e sympathia.

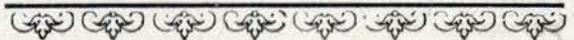
No dia seguinte e com um programma de luvá branca deu o illustre professor Francisco Bahia uma audição de piano no seu vasto salão de Santo Amaro. Apresentaram-se, n'esse sarau intimo, as sr.<sup>as</sup> D. Elisa P. Silva, D. Elvira R. Leite, D. Lydia E. Silva, D. Beatriz O. Santos, D. Maria P. Santos, D. Maria X. Frazão e D. Aida da Silveira, não desmentindo, antes confirmando por forma absolutamente digna dos applausos recebidos, as tradições artisticas d'aquella hospitaleira casa.

Realisou-se a 26 do corrente no Salão do Conservatorio Real um esplendido concerto de homenagem ao professor de violino sr. Julio Cardona, organizado pelos alumnos d'este illustre concertista. Tomaram parte n'esta festa o barytono sr. Arthur Trindade e o pianista Hernani Torres. D'este novel concertista diremos que nos deixou muito bem impressionados pela torma como executou a *Ballada* em sol menor de Chopin e ainda a *Mazurka* em fá sustenido e a *Polonaise* em lá maior do mesmo autor, mostrando-nos o quanto aproveitou com a sua estada na Allemanha.

O sr. Trindade deliciou-nos com a sua bella voz e excellente methodo de canto n'uma melodia de Filippi e na aria da *Favorita*, cantando ainda a pedido uma romanza de Cotogni *Lasciati carezzare* e uma melodia de m.<sup>mo</sup> Lacombe intiulada *Morena* que foi muito applaudida.

O sr. Cardona tocou com Hernani Torres a *sonata* op. 45 de Ed. Grieg em que ambos so houveram brilhantemente e a solo fez-nos ouvir o 2.<sup>o</sup> concerto de Wieniawski, mostrando na execução d'esta peça ser um dos nossos mais talentosos violinistas. Os outros numeros do programma foram preenchidos por uma orchestra d'arcos, que executou muito bem sob a regencia de Cardona uma inspirada *Preghiera* de sua composição e um Unisono de Lazló. Ainda um interessante numero foi a apresentação de uma joven violinista de 10 annos m.<sup>lle</sup> Bollini, discipula de Cardona, que tocou uma *sonatina* de Schubert muito bem. O professor Cardona, ao terminar o concerto foi alvo de uma prolongada salva de palmas dos seus discipulos e do publico que enchia o Salão do Conservatorio.

C. M.





Realisou-se em Wiesbaden uma recita de gala, em que tomou parte o nosso glorioso barytono Francisco d'Andrade, desempenhando com enorme successo o protagonista do *D. João*.

Estava presente o imperador da Alemanha, que mandou chamar o artista ao seu camarote, conversando com elle mais de um quarto de hora sobre assumptos d'arte e expressando-lhe ao mesmo tempo a satisfação que sentia em tornal-o a ouvir em tão excellentes condições artisticas.

Disse o *Kaiser*, depois de elogiá-lhe a frescura da voz, que desejava continuar a ouvi-lo assim por muitos annos.

Hernani Torres, o talentoso pianista a quem o nosso publico dispensou, nos seus concertos de Lisboa, tão carinhoso como merecido acolhimento, vae emprender com o illustre violinista Julio Cardona uma excursão artistica ás principaes cidades da republica brazileira.

A ambos desejamos uma optima viagem e um exito compensador sob todos os pontos de vista.

A nova *Associação dos Professores de Musica* vae effectuar, em favor do seu cofre, um concerto symphonico com obras de artistas portuguezes. Não conhecemos ainda a composição do programma.

Consta-nos que entre os artistas lyricos, que tem sido apreciados em Milão pelos srs. Mimon Anahory e Augusto Machado para a organização da futura epoca de S. Carlos, figura o barytono portuguez Alfredo Mascarenhas, o qual lhes mereceu elogios muito animados.

Depois d'essa apresentação, Alfredo Mascarenhas partiu para a Austria, estreitando-se no theatro de Rovereto com bastante exito.

Um outro artista portuguez, o tenor Leão de Sousa, de que aliás ainda não ouvimos fallar, tambem agora se estreiou na *Louise* de Charpentier, em Londres.

O mercado lyrico vae-se inundando de cantores portuguezes; oxalá que seja... *per bene*.

Francisco Benetó, Magalhães, Moraes Palmeiro e Amilcar estão contractados para o *Casino Peninsular* da Figueira da Foz durante a estação balnear.

Para o *Mondego*, na mesma cidade, vae o Sexteto Luiz Gracia e para o *Casino Hespanhol* os srs. Carlos de Sá, Antonio Navarro, Luiz Monteiro, Madame Von Stein, João Rodrigues e Luiz Cruz.

A Figueira da Foz, que é, iriamos jurar, a terra mais musical de todo o paiz . . . durante a epoca de banhos, terá ainda no *Café Europa* os srs. Ephísio Aneda, José Henrique dos Santos, Daniel Lacueva e o pianista Lorient.

No *Casino das Pedras Salgadas* tambem haverá musica, sendo executantes os srs. Gerner, Arthur Duarte, Joaquim Boygas e Julio Silva.

Para a Foz do Douro (*Café Montanha*) vão os srs. Laureano Forsini, Carlos Quilez, Manuel Paiva e José Bonet.

Para o *Casino do Estoril* estão escripturados os srs. Pedro Blanch, Alvarez, Enguita e outros artistas hespanhoes.

E finalmente os srs. Luiz Barbosa, João Ferreira, Antunes, João Antonio, Macedo e Brito e João Passos, irão deliciar os frequentadores do *Gremio de Cintra*.

Fica a capital sem musicos!

Foi agraciado com o habito de San Thiago o illustre professor D. Pedro Blanch, a quem cordealmente felicitamos pela merecida distincção.

Projectam para breve uma *tournee* de concertos pela provincia os distinctos artistas Mauricio Bensaude, Paiva de Magalhães, Manuel Silva e Ruy Coelho. No proximo numero nos occuparemos mais de espaço d'este interessante empreendimento.

A proposito de um concerto ultimamente effectuado em Ponta Delgada, commettimos uma involuntaria *gaffe*, que carece d'emenda prompta.

Dissemos que tinha sido promotor, ou pelo menos organisador d'essa festa o reputado compositor e concertista Thomaz Lima, que ha tempos se encontra em S. Miguel, como é sabido: a verdade é que o concerto foi promovido pela classe medica de Ponta Delgada em homenagem ao professor Sousa Junior e em beneficio da «Sociedade exterminadora de ratos».

O dr. Sousa Junior esteve n'aquella ilha de passagem para a Terceira, onde foi estudar a Peste e os meios de a combater.

Teixeira Lopes, o insigne estatuario tão merecidamente considerado como uma das rutilantes glorias artisticas da nossa terra, está modelando o busto de José Vianna da Motta

Dizem-nos estar já concluido o gesso e ser impressionante de perfeição, de verdade e de poder expressivo. O grande esculptor, em cuja poetica moradia de Gaya tem sempre a musica um logar de honra, é um dos mais sinceros admiradores de Vianna da Motta e tem realmente com elle notaveis affinidades de feitura. Da estreita sympathia que une os dois notabilissimos mestres e d'essa estreita correlação de character, brotará pois uma nova obra d'arte, que será tão gloriosa para um como para outro.

De volta de Milão e Paris, onde tem estado a organizar companhia para a futura epoca lyrica, espera-se a 5 de junho em Lisboa o empresario do theatro de S. Carlos, sr. Mimon Anahory.

Parte depois d'amanhã para Italia e Allemanha o grande pianista Vianna da Motta. Com um affectuoso abraço aqui lhe deixamos os melhores votos de boa viagem e de breve regresso.

O illustre professor Rey Colaço vae no proximo mez de setembro para a Figueira da Foz, onde tenciona organizar uma serie de concertos com o concurso de alguns dos artistas que ali se encontram e de outros que se esperam do estrangeiro.

Começam amanhã, para os alumnos da casa, os exames annuaes do Conservatorio. Devem prolongar-se durante toda a primeira quinzena de julho, seguindo-se, provavelmente até agosto, as provas dos alumnos extranhos.

Consta-nos que já esta em grande avanço a nova partitura de João Arroyo, *Leonor Telles*, faltando apenas a orchestração dos dois ultimos actos. A pessoa fidedigna e que assistiu á execução a piano de quasi toda a obra, ouvimos apreciações, verdadeiramente entusiasticas, acerca do seu grande valor musical, do lyrismo e inspiração de cada um dos numeros e do manifesto progresso que, sobre o *Amor de perdição*, se nota na nova opera do talentoso compositor.

\*

Por absoluta falta de espaço vemo-nos obrigados a retirar uma parte consideravel de original já composto, referente a concertos e a noticiario estrangeiro.



A Italia acaba de perder um dos seus musicos mais considerados, Giuseppe Martucci, compositor notavel e actualmente director do Conservatorio de Napoles.

A *Arte Musical* publicou-lhe uma rapida biographia em 1902, no seu numero 75; limitar-se-ha portanto agora a completal-a, dando a nota de mais algumas composições que não figuraram n'essa occasião. Estão n'esse caso as *Symphonias* em ré menor e fá maior, a *Fantasia* para dois pianos, seis *Caprichos*, um *Allegro appassionato*, uma *Polacca*, uma *Tarantella*, duas *Fugas*, etc.

Tinha tambem Giuseppe Martucci relevantes qualidades de director d'orchestra, salientando-se na execução do *Tristão e Isolda* e de outras obras wagnerianas. Era um espirito muito avançado musicalmente, congraçando com admiravel criterio as tradições artisticas da sua patria com as aspirações e tendencias da actualidade.

\*

Entre os artistas estrangeiros, ultimamente fallecidos, conta-se um belga distincto, Emile Agniesz, que foi violinista e compositor e dirigiu a classe d'orchestra no Conservatorio de Bruxellas com grande proficiencia.

Era muito habil na viola d'amor e fez parte d'uma associação d'instrumentos antigos, creada sob o impulso de Gevaert.

Tinha 50 annos d'idade.

\*

Recebemos ha dias a participação do fallecimento de Auguste Durand, o conhecido e sympathico editor da praça da Magdalena, em Paris. Era tambem organista e compositor, tendo tido grande exito, em tempos, muitas das suas peças de piano, sobretudo as *Valsas*, *Mazurkas*, etc.

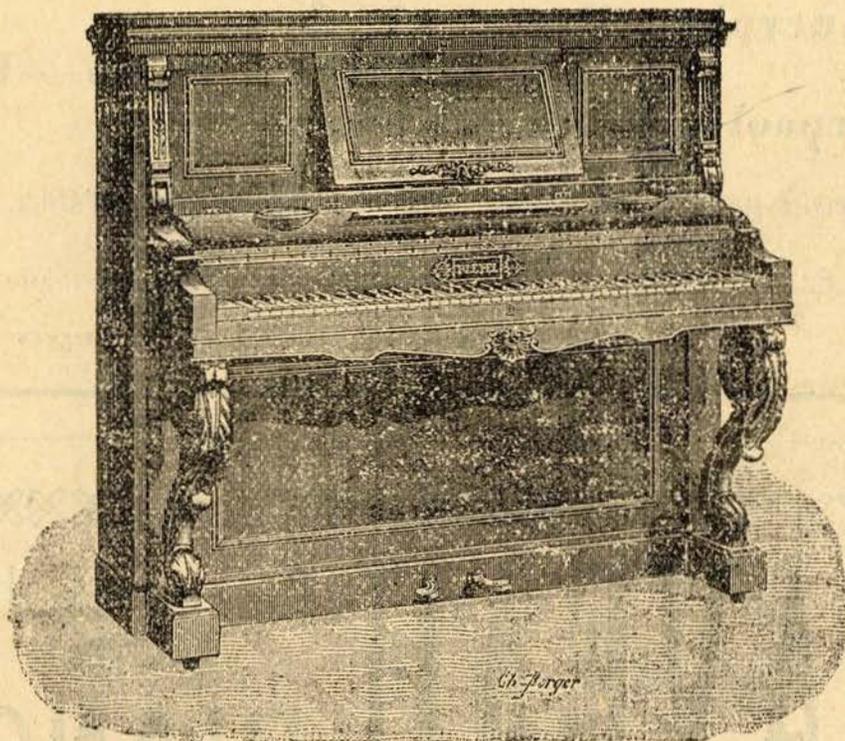
\*

Tambem falleceu o sr. Paulo Martins da Fonseca, regente da philharmonica de Aveiras de Cima.

—A' talentosa violinista, snr.<sup>a</sup> D. Eugenia Crespo, damos os mais sentidos pezames pela perda de seu extremoso irmão, o snr. Raul Braulio Crespo.

# Pleyel Wolff Lyon & C.<sup>ie</sup>

Grande fabrica de pianos e harpas  
**PARIS**



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

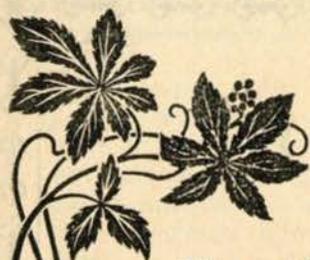
(Systema Lyon privilegiado)

**\* PIANO DUPLO PLEYEL \***

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do Jury (classe 17) da exposição de Paris — 1900



# A. HARTRODT



Séde: HAMBURGO — DOVENFLETH, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

**Hamburgo — Porto — Lisboa**  
**Antuerpia — Porto — Lisboa**  
**Londres — Porto — Lisboa**  
**Liverpool — Porto — Lisboa**

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias Portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje

**A. HARTRODT — Hamburgo**

# GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie—PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

**Hors Concours**: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—  
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

**Diplomas d'Honra**: Amsterdam (.883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas  
(1888)

**Grand Prix**: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de  
x x pianos d'esta reputada fabrica x x

Carl Hardt



≡≡≡ Fabrica de Pianos ≡≡≡ Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de forma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior dintincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados  
para a Importação de genercs estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, ASIAHAUS**

HAMBURGO, 8

AGENTES EM : — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

# Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua de S. Bento, 56, 1.º E.*
- Alberto Sarti**, professor, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Collaço**, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivete, 2, C., 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello, *R. S. Sebastião, 9, 2.º*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A.*
- Francisco Baiha**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, prof. de cortim, *R. das Salgadeiras, 18, 1.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, profes.ª de canto, *T. Santa Quiteria, rua Particular, 5, 1.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucilia Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.<sup>me</sup> Sanguinetti**, professora de canto, *R. da Penha de França, 4, 3.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 51, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua D. Carlos I, 144, 3.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professora de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

## A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral

Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias .....	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte).....	1\$800 »
Estrangeiro .....	Fr. 8

**Preço avulso 100 réis**

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Lisboa**